

HISTÓRIA, LAZER E PESQUISA : TRAVESSURAS DE ONTEM E ALEGRIAS DE HOJE¹

HISTORY, LEISURE AND RESEARCH :
YESTERDAY PRANK AND TODAY JOY

*Denise Bernuzzi de Sant'Anna*²

O tema desta mesa, "história, lazer e pesquisa" é bastante sugestivo sobre as várias possibilidades de colocar em relação estes três termos: pode-se utilizar a história para estudar as transformações do lazer ao longo dos anos; pode-se detectar as diferenças e semelhanças entre os vários lazers de uma mesma cultura; pode-se, também, utilizar o lazer como um meio de entender o funcionamento de uma determinada sociedade; e pode-se, ainda, realizar uma história sobre as pesquisas no campo do lazer, campo aliás que vem adquirindo uma complexidade crescente desde meados do século XX.

Assim, é possível traçar muitas relações entre história, lazer e pesquisa. Em meio a elas, se destacam duas tendências que serão abordadas no decorrer deste texto: a primeira diz respeito a uma intolerância hoje comum diante de brincadeiras que suspeitamos ser pouco seguras, higiênicas ou salubres, brincadeiras que, no passado, eram consideradas boas, úteis e engraçadas. A segunda tendência refere-se à extrema importância que a associação entre alegria, euforia, saúde e juventude adquiriram nos últimos anos, principalmente na mídia e especialmente no Brasil.

BRINCADEIRAS E HISTÓRIAS DE OUTROS TEMPOS

A palavra brincadeira, assim como a palavra lazer nem sempre tiveram os mesmos usos e significados ao longo da história. No final do século XIX, por exemplo, boa parte da imprensa brasileira não considerava que "brincar" fosse um assunto que merecesse muitas atenções. Naquela época, a palavra "lazer" era pouco utilizada. Falava-se mais em diversão, entretenimento, folguedos ou então, travessura. Na cidade de S Paulo, por exemplo, o lazer ou as brincadeiras podiam ocorrer de muitas formas: em meio às atividades religiosas, tais como as procissões e quermesses, durante os bailes, ou nos percursos de ida e volta aos locais

¹ Palestra realizada no IV Seminário "O Lazer em Debate", promovido pelo Centro de Estudos de Lazer e Recreação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, nos dias 1º a 3 de maio de 2003.

² Professora do Departamento de História da PUC-SP. Doutora em História pela Universidade de Paris VII.

de trabalho, ou, até mesmo, no decorrer de alguns enterros. Também podiam tomar a forma de um passeio a cavalo ou a pé, de uma visita a amigos e compadres, significar um bom descanso, no mato, na rede ou a beira dos rios. Para a molecada, aliás, os banhos nos vários rios da capital paulista eram muito apreciados, assim como os passeios de barco no Tamanduatei e no Tietê. Durante todo o século XIX, as ruas, os becos, tanques, várzeas, quintais e matagais da cidade serviam às crianças e, também, aos estudantes da Faculdade de Direito entre outros jovens residentes na cidade, como espaços privilegiados para brincadeiras que, em geral, incluíam travessuras. O espaço público, portanto, era o lugar preferido para as atividades lúdicas numa época em que São Paulo misturava aspectos fortemente rurais com traços de urbanidade.

Mas o que seria, naquela época, uma travessura? Atualmente, no dicionário Aurélio, essa palavra tem dois sentidos distintos: quer dizer maldade, malícia, mas também, desenvoltura, astúcia. Por um lado, travessura é defeito, por outro ela pode ser qualidade. Não por acaso, ainda hoje, permanece a idéia de que criança travessa é "levada" e que toda criança levada é esperta, saudável, especialmente se for do sexo masculino. Mas, se voltarmos no tempo, encontraremos travessuras que talvez, nós hoje, não consideramos engraçadas, nem sinais de esperteza ou de astúcia. Brincadeiras que, para a sensibilidade atual, correm o risco de ser julgadas negativamente, como se fossem "politicamente incorretas", pouco adequadas à consciência ecológica contemporânea.

Ilustrativo a este respeito é ler as memórias de antigos moradores das cidades brasileiras, tais como aquela do paulista Jacob Penteado, que viveu no começo do século XX, no bairro chamado Belenzinho. Penteado conta que uma das travessuras mais conhecidas e apreciadas da sua época chamava-se "rói biscoito" e incluía apenas meninos.³ No "rói-biscoito", escreve, todos entravam nas águas do rio Tietê, "em trajes de Adão", deixando a roupa à margem do rio. Num certo momento, os meninos maiores da turma safam do rio sorrateiramente e molhavam com água algumas peças de roupa de algum colega e, em seguida, "davam-lhes nós bem apertados, especialmente nas calças e nas mangas das camisas e aguardavam que seu possuidor terminasse o banho e viesse vestir-se". Ao se deparar com aqueles nós, o dono das roupas procurava desatá-los, até mesmo com os dentes. E o resto da turma formava um círculo em volta do infeliz e gritava em côro: Rói biscoito! Rói biscoito! Aqueles que não desatassem rapidamente os nós, corriam o risco de serem besuntados de excrementos.

Para a nossa sensibilidade atual, brincadeiras desse tipo podem não ter a mesma graça de outrora e nem gozar de muita simpatia. São consideradas pouco respeitadas para com as crianças, e, se considerarmos os excrementos, elas podem ser julgadas pouco higiênicas. Todavia, ao longo da história, não existe, de fato, uma época mais limpa do que outra, nem um grau zero da higiene e da ludicidade.

³ Jacob Penteado. Belenzinho, 1910, São Paulo, Carrenho ed. 2003, p.235.

Ao analisar o mundo historicamente e, em particular, o lazer, é possível perceber tanto a sua diversidade quanto as diferenças, para cada época e cultura, estabelecidas entre o sujo e o limpo, entre as brincadeiras e as seriedades da vida. Assim, no final do século XIX, quando o "rói biscoito" era uma brincadeira comum na capital paulistana, as sensibilidades de toda a população em relação à higiene e ao corpo eram muito diferentes das nossas.

Várias razões explicam essas diferenças. Por exemplo, antes do advento da família nuclear e da ampla industrialização da cidade, havia uma proximidade bastante evidente entre a molecada, como se dizia, e os corpos de vários animais e plantas. A caça de codornas e pássaros de variados tipos era muito comum na cidade, tanto quanto alimentar-se de camarões de água doce, ovos de vários répteis, criar porcos, galinha e outros animais domésticos. Os vendedores ambulantes comercializavam carne de muitas caças, além de leite de cabra e de vaca, assim como a cidade era totalmente marcada por espaços e equipamentos destinados exclusivamente aos animais, sugerindo uma proximidade com a natureza hoje rara: estábulos, bebedouros para cavalos, galinheiros, mercados de peixes, currais. Os exemplos a este respeito são numerosos. Nessa época em que urbano se misturava com fortes aspectos rurais, o parto era comumente feito em casa, as pessoas nasciam e também morriam em casa, na presença de crianças e adultos. Os doentes também costumavam ser tratados em casa, com ervas e remédios ensinados segundo diversas tradições.

Havia de fato uma grande naturalidade em lidar constantemente com diferentes corpos e com os elementos da natureza. Além disso, as moradias nem sempre possuíam banheiro em seu interior; as separações entre as idades, sexos, em suma, entre os corpos, que hoje são tão comuns, não faziam parte da realidade nem dos mais ricos que dormiam, por exemplo, juntos com outras pessoas dentro do mesmo quarto, dividindo leitos e pinicos. Tudo se passa como se o valor da "intimidade" não fosse ainda muito importante. No lugar dele, era mais valioso zelar pela própria honra, valorizar uma palavra dada e que jamais poderia ser traída. Além disso, higiênico naqueles anos não era necessariamente utilizar muita água para tomar banho mas sim trocar várias vezes as roupas brancas.

Por conseguinte, seria apressado e equivocado simplesmente concluir que as pessoas do passado "eram sujas" e ainda, "que as crianças do passado eram grosseiras, porque se divertiam com excrementos e com travessuras hoje criticadas". Pois, à medida que as análises históricas se aprofundam precebemos que a molecada do passado vivia de acordo com outras regras e outros métodos de higiene, diferentes dos nossos, a partir dos quais as noções sobre o que era se divertir estavam diretamente vinculadas a interesses e valores distintos daqueles que regem a realidade urbana atual. Não perceber esta "outreidade" do passado, mesmo naquilo que os tempos idos possuem de, aparentemente, mais familiar, pode representar um grande risco para nós no presente.

Mas ver o outro como outro, como diferente de nós em alguns pontos

e não como inferior ou superior à nós, é de fato muito difícil. A primeira tendência ao ouvir histórias como aquela do rói biscoito é acreditar que as travessuras antigas estavam mais para uma espécie de grosseria ingênua do que para uma real diversão. O lazer dos modernos "games" e da natação em piscinas de clubes, que prometem segurança, conforto e limpeza, é, sem dúvida, muito distinto daquele que deixava a criança nua à beira de um rio com roupas molhadas. Afinal inúmeras razões poderiam explicar o quanto a nossa cultura valoriza crescentemente a segurança e o conforto, busca uma higiene do corpo com o uso de muita água, sabonetes, shampoos, cremes, e outros produtos inexistentes na época do rói-biscoito. Fazemos parte, portanto, de uma cultura que conhece os prazeres de um banho longo, abundante e perfumado mas que desconhece, em grande medida, outros prazeres, antes comuns, como aquele de tomar banho de rio no meio da cidade, por exemplo, comum na capital paulista até mesmo durante a primeira metade do século XX.

É dessa forma que a história mostra toda a sua riqueza: cada época possui seus prazeres, mas, também, suas intolerâncias, seus valores e limites. Por conseguinte, se no futuro alguém nos estudar, talvez chegue a conclusão de que somos uma sociedade com uma extraordinária diversidade de lazeres: alguns buscam se divertir e descansar nos clubes e spas, outros procuram as atividades esportivas e de aventura (hoje, aliás, se fala mais em aventura do que em travessura), outros, também, usufruem de um variado cardápio de escolhas turísticas, incluindo lazeres considerados ecológicos, junto à natureza, ou ainda um lazer integrado nas grandes cidades; enfim, temos lazer para muitos gostos e idades, além de possibilidades de hibridismos entre atividades e produtos antes impensáveis: pode-se curtir a natureza equipado com os mais sofisticados equipamentos e roupas, ou encontrar virtualmente uma multidão de pessoas, em conversas pela internet, sem precisar sair de casa. Ademais, nossa época valoriza bastante a alegria de viver, a felicidade "aqui e agora".

ALEGRIAS E NARRATIVAS DE HOJE

Desde os anos 30, a alegria de viver, se transformou numa espécie de mercadoria bastante em alta no mercado. A publicidade é um dos principais exemplos sobre esta tendência. Pois, antes dos anos 30, era comum encontrar textos e imagens na publicidade de jornais e revistas mostrando fisionomias tristes e até mesmo alguns sofrimentos atrozos (por meio de imagens de caveiras, corpos distorcidos e carcomidos por feridas, além de textos repletos de lamúrias e queixas). Ora, a partir dos anos 30, principalmente, a propaganda brasileira passou a se interessar mais frequentemente em vender a idéia da alegria como um grande valor. Mais do que nunca, sofrimento e feiúra começaram a ser considerados produtos que vendem mal. A partir da década de 50, sobretudo, os publicitários passaram a explorar enormemente as imagens de rostos juvenis e sorridentes, que sugeriam a todos a seguinte mensagem: "livre-se para sempre das dores e tristezas.... afinal, para quê sofrer? A alegria passa a ser considerada não mais um estado passageiro,

tal como a tristeza, mas muito mais um modo de ser natural de todos os que têm saúde e disposição física.

Ao mesmo tempo, às mensagens de alegria sem contrários, com ampla presença na mídia, associou-se à idéia de juventude: basta observar a publicidade atual para perceber o quanto a juventude está atrelada ao sentimento de alegria sem trégua e sem fim. Diferente da época do "rói biscoito", a euforia é hoje um grande negócio industrial e a tristeza ou a decepção, o tédio e qualquer sofrimento, tendem a ser amplamente considerados sinônimos de fracasso. Tudo se passa como se à questão "você está triste?" fosse automaticamente ligada às questões: "onde você errou? Onde fracassou?"

Evidentemente, numa sociedade altamente competitiva como a nossa, quando a tristeza se torna sinônimo de fracasso é difícil sentir algum atrativo por ela. O que se aspira, nesse caso, é, de fato, se livrar da tristeza para sempre e, ainda, não precisar nem mesmo vê-la mais nos outros, nem mesmo ouvir as narrativas daqueles que estão tristes. Uma espécie de alergia ao sofrimento é assim cultivada. Por vezes, inclusive, isto significa colocar um semblante tristonho ou um sentimento de tédio do lado da doença e da anormalidade. Como se sofrer fosse algo sem sentido, de outro planeta, ou de outra época. Não por acaso, a publicidade do pós-guerra já trazia as maravilhosas e coloridas pin-ups que prometiam prazeres fáceis, confortáveis e como regra de vida, a alegria de viver sem pausa, sem fissuras.

Mas, talvez, quem nos estude no futuro também encontre por aqui uma série "de linhas de fuga" de "travessuras" por vezes pedigree, e, no entanto, extremamente lúdicas, astuciosas, capazes de mesclar naturalmente estados de alegria e tristeza, euforia e tédio. E não é preciso ir "para o meio do mato" para encontrar essas travessuras, nem se isolar dentro de um clube caríssimo e refinadíssimo. Pois essas travessuras podem ocorrer em qualquer lugar e com muitas crianças e adultos de nossos dias. Certamente elas não são àquelas do rói biscoito, nem estão comprometidas com as mesmas noções de higiene e de vida urbana existentes no passado. Mas graças às atuais travessuras, pode-se ainda viver a ludicidade como "arte e manha": não apenas uma alegria imposta ou totalmente oposta e alérgica às circunstâncias tristes e cômicas da vida, mas alegrias diversificadas, capazes de empurrar o corpo para aquilo que ele não é ainda e, ao mesmo tempo, para aquilo que ele já foi. Ou seja, uma ludicidade que faz cada um se sentir menos como um ser eterno, em sua alegria ou em sua tristeza, e mais como uma existência paradoxal, completamente finita, mas, ao mesmo tempo, totalmente relacionada à infinitude da vida.

Interessante observar que muito do que se considera uma brincadeira apreciada, no passado e no presente, possui a capacidade de reforçar em cada um que brinca seus paradoxos, mais do que, propriamente, as suas supostas certezas ou incertezas. Inúmeros jogos, de ontem e de hoje, foram e são apreciados justamente porque suspendem esses extremos da total certeza sobre si e o outro, assim como eles burlam a possibilidade de uma total incerteza sobre ambos. Há jogos, por exemplo, em que nunca se sabe exatamente o que vai ser obtido para si e o que o outro obterá.

Este é um dos motivos pelos quais um jogo é um jogo: há acaso, e é no acaso que residem os extremos de sorte e azar. Para quem se coloca fora do jogo e aprecia um jogador pode pensar que ele está fazendo sempre a mesma coisa. Talvez, de fato, muito do lúdico, ao contrário do que algumas publicidades dizem, têm a ver com a repetição. Mas não é uma repetição do que repete: É uma repetição do que difere. Um bom exemplo para pensar este tipo de repetição é o surfe. Quem gosta muito de surfar experimenta um paradoxo interessante: embora o surfista pareça fazer sempre a mesma coisa, ele sabe e sente que cada onda é uma onda. Pois, essa ludicidade contém, de certa forma, alguns traços de uma travessura, no sentido de ser sempre uma discreta astúcia desviante em relação à morte. Trata-se, aqui, da morte de todo e qualquer paradoxo, do término de toda e qualquer perturbação, do fim do acaso. Ora, no surfe, há o que é previsto - fruto de habilidades, muito treino e esforço, educação do corpo e da mente - mas, também, existe aquilo que chega em cada onda, com cada passagem do vento... e que, no meio do conhecido, difere. Tudo se passa como se cada onda, abrisse no surfista e no mar mundos ao mesmo tempo conhecidos e inusitados.⁴

Outro exemplo a este respeito é quando tocamos ou ouvimos músicas que nos arrebatam: quanto mais as tocamos ou as ouvimos, mais elas nos remetem para algo que nos é familiar e que por vezes desejamos, mas que, ao mesmo tempo, não habita o nosso cotidiano, não se revela para nós por inteiro. De certo modo, evitar a morte de tais tipos de ludicidade é um meio de lutar contra a destruição de experiências que propiciam a repetição do que difere, ou um modo de impedir que sobre esta repetição que difere triunfem as repetições que unicamente repetem ou, ao contrário, as diferenças que na verdade são apenas variações de um mesmo medo. Quando a ludicidade se abre para tais paradoxos parece, enfim, que ela tem maiores chances de fazer cada um cometer um delicioso deslize: graças à uma espécie de "travessura-travessia", desliza-se entre os prazeres individuais e as alegrias das vivências coletivas... com a mesma naturalidade que um surfista desliza sob o céu e sobre o mar.

Endereço da autora

Denise Bernuzi de Sant'anna

Endereço eletrônico: dbsat@uol.com.br

Recebido em: 20/07/2003

Aceito em: 30/07/2003

⁴ Esta análise foi realizada mais longamente em nosso livro *Corpos de Passagem. Ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.